



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE BELAS ARTES
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS**

MARCOS OLEGÁRIO PESSOA GONDIM DE MATOS

**ARQUITETURA INVISÍVEL:
A “CASIFICAÇÃO” DO ESPAÇO URBANO
PELO MORADOR DE RUA**

Salvador

2006

MARCOS OLEGÁRIO PESSOA GONDIM DE MATOS

**ARQUITETURA INVISÍVEL:
A “CASIFICAÇÃO” DO ESPAÇO PÚBLICO PELO MORADOR
DE RUA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Paola Berenstein Jacques

Salvador

2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Escola de Belas Artes
Mestrado em Artes Visuais

MARCOS OLEGÁRIO PESSOA GONDIM DE MATOS

**ARQUITETURA INVISÍVEL:
A “CASIFICAÇÃO” DO ESPAÇO PÚBLICO
PELO MORADOR DE RUA**

Dissertação para obtenção do grau de mestre em artes visuais.

Salvador, 06 de maio de 2006.

Banca examinadora:

Pasqualino Romano Magnavita. _____

Professor Emérito da UFBA e professor do PPG/FAUBA

Roaleno Ribeiro Amâncio Costa. _____

Doutor em Comunicação (USP)

Universidade Federal da Bahia

Maria Hermínia Oliveira Hernandez em substituição a Paola Berenstein
Jacques. _____

Doutora em Arquitetura e Urbanismo (UFBA)

Universidade Federal da Bahia

M.433 Matos, Olegario Pessoa Gondim de Matos

Arquitetura invisível: A casificação do espaço urbano pelo morador de rua/ Marcos Olegário Pessoa Gondim de Matos. – 2006.

101f. : il

Orientados: Prof. Dra. Paola Berenstein Jaques.

Dissertação (mestrado) - Universidade federal da Bahia.
Faculdade de Belas Artes, 2006.

1, Arte - Sociedade. Espaço Público. Morador de rua. 3.Arquitetura
Arquitetura Invisível. I. Jacques Paola Berenstein . II. Universidade
Federal da Bahia. III. Título Escola de Belas Artes.

CDU 7 : 301

À minha família.

Agradecimentos

A minha mãe e família, pelo suporte.

A Escola de Belas Artes e Professores do Mestrado, pelo conhecimento e reconhecimento.

A minha orientadora, Prof. Dr^a Paola Berenstein Jacques, por tudo.

Ao Prof. Pasqualino Romano Magnavita.

Ao Prof. Roaleno Amâncio Costa.

A Maria Vicentini, pela grande ajuda.

Noite e dia cruzo esses caminhos.
Visito os pomares de Deus e contemplo seus esféricos produtos.
Considero os quintilhões já maduros e os quintilhões ainda verdes.
Meu vôo é o vôo de uma alma fluida e voraz.
Minha trajetória profunda além do alcance das sondas.
Vou me servindo do material e do imaterial.
Não há vigilância que me pegue, nem lei que me proíba.
Ancoro minha nave só por um segundo.

Trecho de **Song of Myself**
Walt Whitman

RESUMO

Trata-se de um estudo teórico-prático desenvolvido ao longo do curso de Mestrado em Artes visuais. A pesquisa é estruturada em torno do envolvimento estético com o comportamento do espaço público numa metrópole contemporânea, suas experiências cotidianas, intensidades e afetos levando-se em conta as movimentações do morador de rua e suas ações na esfera pública. Tendo como base conceitos Deleuzianos, o trabalho prático tenta trazer a tona uma arquitetura invisível e ambulante construída a partir das atividades do morador de rua num território/trajeto urbano, conflituoso e instável onde a instrumentalização efêmera destes espaços por parte deste personagem ainda revela uma fronteira extremamente frágil e volátil entre a esfera pública e a esfera privada.

Palavras – chave: Espaço; intensidades; morador de rua; arquitetura; ambulante; território

ABSTRACT

One is about a developed theoretician-practical study along of the course of Master degree in visual Arts. The research is structuralized around the aesthetic involvement with the behavior of the public space in a metropolis daily contemporary, its experiences, intensities and affection taking itself in account the movements of the street inhabitant and its action in the public sphere. Having as base Deleuzianos concepts, the practical work tries to bring to surface an invisible and ambulant architecture constructed from the activities of the inhabitant of street in a conflictness and unstable territory where the ephemeral instrumentalization of the public space on the part of this urban personage discloses to the fragile and volatile border between the public sphere and the private sphere.

Key Words: Space; intensities; street inhabitant; architecture; ambulant; territory

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Colagens com plantas baixas de jornal	19
Figura 02 - Prédio na Pituba	21
Figura 03 – Intervenção urbana	21
Figura 04 - Catador de Papelão	26
Figura 05 – Da série Ambulante	28
Figura 06 – Espaço Liso	32
Figura 07 – Espaço Liso	32
Figura 08 – Espaço Estriado	33
Figura 09 – Favela no Retiro	35
Figura 10 – Vizinhos	38
Figura 11 – Intervenção Urbana	43
Figura 12– Projeto Clandestinos	49
Figura 13 – Diagrama inter – espacial	52
Figura 14 – Por do Sol	60
Figura 15 – Anish Kapoor	64
Figura 16 – Carl André	64
Figura 17 – Carlos Teniós	65
Figura 18 – Mario Cravo Junior	65
Figura 19 - krysztof Wodiczko	66
Figura 20 - krysztof Wodiczko	66
Figura 21 – Arco do Triunfo	69
Figura 22 – Arturo di Módica	70
Figura 23 – krysztof Wodiczko, Veículo dos sem teto	71
Figura 24 – Gordon-Matta Clark	72
Figura 25 – Hélio Oiticica, Tropicália,	74

Figura 26 – Hélio Oiticica, Labirinto	74
Figura 27 – Gordon-Matta Clark, fatias	75
Figura 28 – Gordon Matta Clark, fatias	75
Figura 29 – Da série <i>Restless</i>	78
Figura 30 – Da série <i>Restless</i>	78
Figura 31 – Da série <i>Restless</i>	80
Figura 32 – Da série espaçonaves	82
Figura 33 – Da série espaçonaves	83
Figura 34 – Rilimã Da série espaçonaves	84
Figura 35 – Detalhe rolimã	85
Figura 36 – Da série espaçonaves	89
Figura 37 – Da série espaçonaves	90
Figura 39 – Da série Ambulantes	91
Figura 41 – Da série Ambulantes	92

Lista de Figuras	10
Introdução	13
1. Sobre os primeiros passos: da coleção à construção	18
2. O espaço na cidade.	22
2.1 . O liso	30
2.2 . O estriado	32
2.3 . Entre o liso e o estriado	36
3. O espaço do morador de rua	41
3.1. A rua como fronteira em movimento.	47
3.2 . “Casificação” : a produção de uma arquitetura invisível	50
3.3. Sobre o tempo	56
4. O espaço da arte na cidade	63
4.1. Arte pública institucional	67
4.2. Arte pública crítica	71
5. Sobre os trabalhos	76
Conclusão	93
Referências	98

INTRODUÇÃO

Sempre acreditei nos desvios do percurso, no trajeto acidentado e na impermanência das coisas. É assim que as identidades e diferenças - mais diferenças até - sobre as pessoas e espaços se manifestam, sejam elas no espaço público ou privado da cidade ou no espaço da arte e por cadeia, no espaço do trabalho e do discurso do artista. Esta pesquisa como processo, é também um trajeto ou um percurso assim como o objeto que está aqui sendo analisado: o espaço onde o morador de rua orienta suas direções.

As questões que se evidenciam ao longo deste estudo são também frutos de um caminho voltado para a pesquisa e para a arte que já vem sendo percorrido há alguns anos desde a minha primeira intervenção urbana no ano de 2000 sempre levando em conta as relações entre espaço público, arquitetura e morador de rua, questões estas, que continuam a permear uma boa parte da minha produção.

Assim este estudo propõe um recorte aprofundado e atualizado no estudo de um comportamento espacial urbano mais específico. Quero deixar claro também que o foco da minha pesquisa é, e sempre foram as questões concernentes ao comportamento do espaço urbano. No caso aqui pesquisado trata-se de um espaço operado e agenciado pelo morador de rua, já que ele aponta o objeto a ser por mim pesquisado, e isto é aqui tratado.

Sendo assim este estudo afronta muito mais as intensidades dos espaços no qual o morador de rua se insere e/ou orienta suas direções do que a figura do morador de rua

propriamente dita. Portanto, a escolha do tema não foi aleatória, nem sofreu mudanças drásticas ao longo do trajeto.

A turbulência dos espaços liberados pela multiplicidade de diferenças presentes na vida pública da cidade de Salvador levou-me a presentificar algumas questões referentes a esses espaços na metrópole: como os sentidos espaciais se estabelecem? Quem dramatiza e faz do espaço público um espaço-fluxo? E, finalmente, como a arte, sendo arte pública ou não, deve lidar com estas questões?

Ao tratar destas questões em trabalhos anteriores, e agora durante o percurso da pesquisa, pude constatar - e isto até conferia um embate afetivo - e me dar conta que o que me comovia não era a presença do morador de rua num espaço qualquer da calçada, nem a sua figura destroçada, incomodativa ou sua situação de profunda miséria. De certo, a figura do morador de rua e sua situação de penúria me tocam como pessoa e como ser humano. Entretanto, como artista plástico pesquisador, o que me excitava e inquietava era sua ausência. Para **onde** ele teria ido? Qual teria sido o seu trajeto, o seu percurso e por quê? De que forma o espaço e suas intensidades se comportavam a partir do trânsito deste personagem urbano?

A questão da arquitetura era também pertinente, já que tinha trabalhado na área de engenharia civil durante alguns anos antes de ingressar na Escola de Belas Artes. A experiência com a construção civil foi fundamental no percurso e na elaboração e construção do meu trabalho como artista e como pesquisador, já que, por outro viés, lidava com a materialização de uma arquitetura visível, com a construção estável de moradias recortadas em espaços fechados, operados no interior de escalas e fronteiras fixas e pré-determinadas.

Adiante, já como artista e com um olhar estético mais apurado, o espaço das ruas me oferece o oposto: morar na rua significava encarar as contradições de viver em um espaço aberto carregado de conflitos e instabilidade em oposição à segurança de um lar encarnado em uma arquitetura estável.

Morar na rua também significava fraturar fronteiras, desalinhar as escalas e trazer a tona um território/trajeto, um espaço/fluxo e, finalmente, uma arquitetura invisível e itinerante “construída” cotidianamente por desejos, intensidades, ações e afetos. È, portanto, ao espaço em movimento, a que devo a minha inquietação, um espaçonave¹. Segundo Paola Berenstein Jacques (, 2001,P.149) “o espaço movimento não seria mais ligado somente ao próprio espaço físico, mas, sobretudo ao movimento do percurso, a experiência de percorrê-lo, o que é da ordem do vivido, e simultaneamente ao movimento do próprio espaço em transformação, o que é da ordem do vivo.”

Como espaço teórico, esta pesquisa assim como o objeto de análise também não possui um modelo estrutural fixo onde que os assuntos tratados em cada capítulo têm uma hierarquia e uma ordem de entendimento. A escrita segue de forma cíclica e os principais tópicos, conceitos e idéias passeiam interconectados por todo corpo do texto. Assim, a exceção da conclusão que obviamente deve ser lida por ultimo, em lugar de uma leitura linear, cada capítulo pode ser lido de forma independente, sem que haja um comprometimento no entendimento da pesquisa como um todo.

Enquanto horizonte interpretativo, a disposição do tecido-pesquisa discursivo se dá em cinco capítulos e conclusão, sendo que as questões do espaço público urbano

¹ Tomo emprestado o termo normalmente utilizado em filmes de ficção científica para sugerir o espaço em movimento, idéia presente em todo o corpo deste estudo e título de uma série de trabalhos .

estão presentes em todos eles, certamente colocados em níveis de entendimento diferentes, mas interconectados.

O primeiro capítulo trata das minhas primeiras experiências e intervenções, ainda criança, quando recortava e colecionava plantas arquitetônicas de imóveis a venda nos jornais que me chegavam às mãos. O segundo capítulo diz respeito à paisagem urbana da cidade e seu crescimento desordenado e desigual revelando uma tendência própria de uma metrópole periférica como Salvador a escapar de qualquer tentativa de planejamento. Ainda neste capítulo, cito alguns autores e suas abordagens pertinentes ao espaço urbano e público. Mais adiante, para expressar a forma heterogênea com que os conceitos espaciais (apontadas pelo morador de rua) se comprimem e se misturam entre as forças invisíveis e as formas visíveis da cidade, tomei emprestado os conceitos de espaço liso e estriado descritos por Gilles Deleuze e Félix Guattari(1997). Em verdade esses conceitos transitam por todo o texto sendo neste capítulo mais profundamente analisado.

No capítulo seguinte, num segundo nível de entendimento espacial, tento estabelecer conexões mais diretas entre o espaço público e o morador de rua tratando de suas relações com o espaço social, o espaço corpóreo e o espaço urbano. Ainda neste capítulo sempre levando em conta principalmente os conceitos de espaço liso e espaço estriado, corpo sem órgãos e organismo de Deleuze e Guattari(1996), teço algumas considerações referente às observações levantadas nas ruas sobre as táticas de apropriação territorial e o modo de sobrevivência do morador de rua. As relações espaço-temporais na metrópole bem como o prolongamento do tempo de quem mora nas ruas também são discutidas neste capítulo.

O quarto capítulo trata das questões entre arte, espaço público, espaço privado e suas conexões com o objeto da pesquisa. Também neste capítulo trago comentários a respeito da postura do artista e seu trabalho enquanto confrontados com situações públicas específicas, citando alguns exemplos. Nesta parte, afronto o tema expondo as características e diferenças envolvendo arte pública institucional e arte pública crítica levando em conta os territórios, fechados ou não, escolhidos pelos artistas ou pelo aparelho do Estado para situar o seu trabalho de arte no espaço. No capítulo final discorro sobre o meu percurso e o meu processo criativo relacionando a produção dos trabalhos anteriores e os construídos ao longo deste estudo com objeto analisado. E, por fim, a conclusão.

1. OS PRIMEIROS IMPULSOS: DA COLEÇÃO A CONSTRUÇÃO

Quando criança, a primeira coisa que procurava nos jornais e revistas que chegavam em casa era a seção de imóveis: queria checar as plantas baixas dos apartamentos à venda nos anúncios de classificados. Com o jornal em mãos me apropriava dos desenhos de apartamentos impressos no pedaço de papel escolhido e como numa brincadeira recortava e colecionava aqueles territórios gráficos. Sentia-me atraído pelo desenho. Inquietava-me, especialmente, com a malha labiríntica que se formava com as portas e paredes a partir do projeto arquitetônico, e me perdia inventando moradores e situações diversas pelos cômodos.

Havia já aquela altura certo interesse pelo espaço e seus desdobramentos levando em questão a condição humana. Qual o morador deste? Como seria a casa ideal daquele outro e assim por diante. Tinha a meu favor uma visão panorâmica, podia ver e controlar todos os espaços, bem como os personagens que criava ao mesmo tempo.

Como que num jogo de quebra-cabeças, remontava, juntava e cortava tentando em outro tempo recriar outros espaços. Não raro perdia - me juntando numa só, 10, 15 plantas resultando em labirintos por onde meu olhar e minha imaginação derivavam².

² Relacionado ao ato de divagar, derivar. Ação esta intensificada pelas performances situacionistas nos anos 60 na Europa. IS nº 2 ,dezembro de 1958

No entanto, o que menos importava nas minhas invenções arquitetônicas eram a hierarquia e uma possível circulação entre os espaços retirados do jornal. Gostava especialmente do jornal Folha de São Paulo: os apartamentos eram imensos, diferente dos da minha cidade - Salvador. Isso já me mostrava ainda criança, certa desigualdade social considerando o planejamento espacial dispare entre classes sociais do sul e o nordeste.



Imagem 01- Gaio - colagem com plantas de jornal. 2006

Cresci e com o tempo fui deixando a brincadeira dos recortes de lado. Mais tarde, já no curso de engenharia e trabalhando no ramo da construção civil como estagiário, novamente tomei contato com as plantas arquitetônicas, mas de forma diferente do tempo infantil, agora a minha relação com as figuras se dava de uma forma fria e seca, racionalizada ao extremo.

Trabalhar no ramo da engenharia me fez vivenciar e participar de um processo de *estriamento espacial* (DELEUZE, 1997), testemunhar e ajudar na construção e produção de um espaço calculado, dividido em compartimentos estáveis, preparados e aparelhados especialmente para uma determinada função: comer, dormir, tomar banho, etc. A experiência causava-me tédio, não havia no processo nenhuma

possibilidade de mudanças significativas de direção, o projeto com início, meio e fim tinha de ser seguido à risca, a fidelidade e o vínculo ao desenho arquitetônico eram uma obrigação.

A exceção de um funcionalismo espacial previsível e um gosto estilístico específico, a situação espacial vivida por mim apresentava-se sem qualquer relação comigo, com os futuros donos, nem com as intensidades da vizinhança, nem com as da própria cidade. Sentia-me robotizado pelo mercado e fadado a seguir regras de territorialização acabadas e prontas a satisfazer sempre o outro, em detrimento da minha pessoa.

Não demorou e logo abandonei a engenharia, ingressando, em seguida, no Curso de Artes Plásticas da Universidade Federal da Bahia. O repertório das experiências estéticas mais aberto e livre da Escola de Belas Artes levou-me, de certa forma, a ver e a perceber o mundo, seus espaços e intensidades de uma maneira menos funcional e fria, como havia sido na minha experiência no campo da engenharia civil. Prevalecia obviamente o olhar estético.

Naturalmente, ao longo do curso fui aos poucos retomando uma relação com a planta arquitetônica que se aproximava daquela dos meus jogos da infância. Florescia um olhar agora menos funcional, mais lúdico e humanizado pela insatisfação com a minha experiência anterior com a construção civil, onde a territorialização e construção de espaços previamente planejados obedeciam a uma lógica exclusivamente funcionalista, capturando e hierarquizando pessoas, inclusive a mim mesmo, em espaços específicos e permanentes.



Imagem 02.

Prédio: Pituba. foto Gaio.2005



Imagem 03

Gaio- Intervenção urbana. foto Gaio.2001

Tendo rescindido minha experiência com engenharia civil, e já comprometido com a tarefa estética na Escola de Belas Artes, a partir da produção de trabalhos relacionados ao espaço público ao ar livre e ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, pude entender o espaço estudado não apenas como um mero suporte de obras de arte, mas como um campo aberto de experiências sociais múltiplas, um “bloco de sensações” (DELEUZE,1992,p.213). Um espaço ocupado pela instabilidade de acontecimentos e ações temporárias imprevisíveis em oposição a segurança e estabilidade do espaço construído. Assim e, particularmente neste estudo, percebi o foco privilegiado das diferenças entre o espaço estriado e construído e o espaço liso e aberto das ruas e das calçadas onde o morador de rua transita e sobrevive.

2. O ESPAÇO NA CIDADE

Vista de cima, a cidade de Salvador transforma-se numa imensa favela, como tal, tem seu crescimento semelhante ao mato³ escapando a qualquer forma de planejamento e apreensão tanto qualitativa quanto quantitativa. Sua geografia (política, social, econômica etc.) em permanente estado de conflito, movimento e crescimento, faz da cidade um objeto escorregadio a qualquer estudo ou modelo de representações urbanas definitivas. É o espaço do consumo coletivo, das antagonias espaciais, da exclusão e da instabilidade por excelência.

A produção dessas diferenças nos remete à cidade como um imenso organismo vivo que segrega, e segundo Arantes(2002, p.66-67) hierarquiza e estratifica espaços e pessoas “porque seu desenvolvimento não pode deixar de ser desigual”.

Nesse rastro, Gilles Deleuze e Félix Guattari tecem algumas considerações pertinentes sobre a questão do organismo que descrevem como sendo um inimigo que “persegue e aniquila”(1997, p.21), constituindo um “fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil.”(1997,p.21) E ainda segundo os autores se instala uma questão interrogante: “E

³ Em seu livro *Estética da ginga: A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*, Paola Berenstein Jacques compara o crescimento das favelas ao mato numa referência direta ao conceito de rizoma.

quanto ao sujeito, como fazer para nos descolar dos pontos de subjetivação que nos pregam numa realidade dominante?”

Reflexo matérico da condição humana contemporânea e de uma distribuição de renda cínica e desigual, inquieto, o espaço público urbano é, de acordo com Kaltenbrunner(2004, p.10), atualmente, um espaço multiopcional, onde as diferentes nuances da vida pública determinam um espaço próprio a cada uma delas. No entanto, ainda aceitando a asseveração de Kaltenbrunner o espaço público se encontra num campo de tensão entre a liberalidade e a tolerância de um lado, e as convenções sociais e a ordem pública de outro. Este território indefinido e dinâmico conferido ao espaço na cidade está presente também nas idéias de Paulo da Costa Gomes:

“Nesse sentido, sua constituição é sempre dinâmica, e os significados das marcas espaciais não são jamais possíveis se ser aprisionados dentro de um único significado.” (GOMES,2002, p.124)

Em relação ao espaço público, Gomes ainda afirma ser um lugar de conflitos, de problematização da vida social, mas sobretudo é o terreno onde estes problemas são assinalados e significados.(2002, p.164).

Por outro viés, Marc Augé sustenta que espaços públicos como aeroportos, praças, parques, hospitais e shoppings que concentram grande circulação e transito de gente, são espaços que possuem um vínculo contratual e efêmero com quem o atravessa. Denominados de não-lugares, ainda segundo o autor, estes espaços produzem nos indivíduos que neles transitam uma sensação de “solidão e similitude”. Ele afirma que:

“O único rosto que se esboça, a única voz que toma corpo, no diálogo silencioso que ele prossegue com a paisagem texto que se dirige a ele

como aos outros, são aos seus-o rosto e voz de uma solidão ainda mais desconcertante porque evoca milhões de outras.”(AUGE,1994,p.23)

De volta as incertezas dos espaços na metrópole e a sua latente instabilidade de significados na realidade contemporânea, Otilia Arantes (1995, p.114) nos fala de uma “crescente indiferenciação dos espaços”, e na quase impossível distinção entre residência e escritório, ambiente doméstico e rua. Ainda nesta mesma linha de pensamento, Richard Sennet evoca o espaço público como um derivado do movimento. (apud Arantes, p.114). Como afirma Nelson Brissac(1996,P.17): “o espaço Público está em crise.”

“A mesma praça que de dia é um território de descanso e amenidade do espetáculo da vida pública pode, a noite transformar-se em terreno de uma gangue em luta com a polícia.”.(GOMES, 2002,p.122)

Começamos a chegar a um ponto onde o espaço público prossegue sendo um objeto indefinido e inalcançável a determinações conceituais. Um espaço onde o caos e a instabilidade se perpetuam, prevalecem e substituem os bem comportados modelos de espaços estáveis e delimitados, apagando a velha escrita dos lugares precisos que distinguem o público do privado.

Desta forma, o crescimento sem precedentes das grandes cidades no último século é o reflexo de uma enorme centralização do capital em oposição à perda e a descentralização do espaço público que se orienta em todas as direções. Ao apreender tal crescimento como processo e por desdobramento a sua disposição rizomática, tanto para cima quanto para os lados, o espaço se estende numa rede múltipla de direções onde segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari “a linha já não faz mais contorno”

(1997,p.220) , faculta o acolhimento de formas arquitetônicas e construções que no seu repertório vai do estático ao movimento.

Deste modo, o desdobramento na construção dos espaços e escalas na cidade de Salvador orienta-se sob dois vetores: um segue na vertical e insanável competição entre arranha-céus que a todo tempo surgem cada vez mais altos, como que materializando uma paisagem de poder de certa forma inatingível. Citando Hall, Arantes(2002,p.66) ainda categoriza a “cidade como máquina de produzir riqueza” para em seguida afirmar ser a própria cidade⁴ um produto:

“Esse sem dúvida um dos traços do urbanismo de ultima geração: vive-se à espreita de ocasiões para fazer negócios! Sendo que o que está à venda é um produto inédito: a própria cidade, que para tanto precisa adotar uma política agressiva de *marketing*”.(ARANTES,2002,P.66)

Em outra direção a cidade espalha-se também na horizontal com suas vias expressas de acesso, calçadas, praças e construções irregulares, a exemplo das imensas favelas moventes e invasões que aparecem e desaparecem ao humor do aparelho do Estado, além de uma interminável e complexa malha de fluxos de pessoas e informações que operam na horizontalidade a partir do espaço público.

“O rizoma constitui, portanto, uma rede; com ele se quebra a idéia – própria da árvore de ordem – de ordem e de hierarquia. Mas, diferentemente de outros tipos de redes, o Rizoma não é simétrico, é heterogêneo, visto que as conexões se fazem por acaso na desordem. Os pontos de um rizoma não são fixos, deslocam-se formando linhas, “linhas de fuga” ou de “desterritorialização”. O rizoma funciona por descentralizações. Em diferentes dimensões. Ao contrario da arvore, não se preocupa com origens (ou raízes), é “anti-genealógico.” (JAQUES,2001,P.132)

⁴ Neste caso trata-se das cidades- eventos ou turísticas que vivem a espreita de ocasiões a exemplo de Salvador e a cidade de Orlando que abriga a Disneyworld.

É esta intrincada cosmologia de eventos e espaços interligados que conferem a multiplicidade de significados ao espaço público na cidade. Assim a metrópole leva a si mesma e, conseqüentemente, aos indivíduos que nela habitam a moverem-se em todas as direções, abrindo novas redes de contato e conflito, engolindo todo espaço a sua volta e, sobretudo, transformando os espaços do já construído. Fundando “multiplicidades anômalas e nômade e não mais normais e legais; multiplicidades de devir, ou de transformações, e já não de elementos numeráveis e relações ordenadas; conjuntos vagos e não mais exatos etc.” (DELEUZE,1997,p.220).



Imagem 4. Catador de Papelão,Foto Gaio.2003

Nesse sentido, a cidade e seus espaços podem ser vistos não apenas como um objeto estático meramente racional e funcionalista, ao contrario encarna as oscilações de um espaço carregado de tensões onde entra em conflito um espaço inerentemente fragmentado, como a coleção de edificações verticais cada uma dela imóveis em seu devido lugar e um espaço de transito, onde concorre uma série de agentes sociais em movimento, como os automóveis, meio de transporte coletivos, vendedores ambulantes, *Office boys*, carregadores de papelão, moradores de rua, e todos aqueles que fazem das ruas e calçadas um espaço de fluxos.

“...finalmente, o que vai presidir a reflexão de hoje, o espaço formado por um sistema de objetos e um sistema de ações. Foi assim em todos os tempos, só que hoje os fixos são cada vez mais artificiais e mais fixos, fixados ao solo; os fluxos são cada vez mais diversos, mais amplos, mais numerosos, mais rápidos.”(SANTOS,1996,p.110)

Vista desta forma a metrópole aquiesce políticas de espacialização de outra ordem, enumerando uma série de espaços por onde trafegam tanto indivíduos quanto informações. Essas configurações, que fogem de um modelo meramente estático e estável, constituem o espaço imaterial que pode apenas ser percebido, representações do espaço que operam sob a ordem da continuidade e do movimento, onde o referencial é agora uma ação em oposição ao ponto fixo. São essas características que conferem ao espaço urbano um estado de trânsito perpétuo e de movimentações oscilantes.

“O espaço ganhou uma nova dimensão: a espessura, a profundidade do acontecer, graças ao número e diversidade enormes dos objetos, isto é fixos, de que, hoje, é formado, e ao número exponencial de ações, isto é fluxos, que o atravessam.” (SANTOS ,1996,p.98)

Os espaços aos quais me refiro são comuns ao espaço público, onde convivem indivíduos e informações variadas, compartilhadas e conectadas constituindo uma rede mais ampla de relações sociais onde o “outro” está sempre presente. Essas redes não são de forma alguma de ordem local, fazem parte de uma constelação de espaços e informações inter-relacionadas que cobrem todo o território da metrópole.

O comportamento espacial de uma metrópole contemporânea, como à cidade de Salvador ou outra de igual complexidade, pode ser percebido e estudado de forma diversa. Se por um lado, temos uma vida privada voltada para dentro e capturada por uma moldura arquitetônica e pela coletividade restrita aos lares, prédios de escritórios, por outro, temos uma cidade com uma vida pública espacializada, em torno de uma dinâmica de fluxos e movimentações permanentes e variáveis que atuam no âmbito das ruas e das calçadas - pode-se identificar “[...] a noção de lugar como algo

“antropogeográfico”, pra além do mero espaço físico, algo delimitado e instaurado pela atividade simbolizadora do homem.” (ARANTES,1995, p.126)

No que concerne às organizações sociais mediadas pelo espaço urbano, sejam elas quais forem, existe um limite flexível, imposto, quase que inconscientemente, entre o mundo urbano público e o mundo privado, aqui denominado de arquitetura visível.

Objeto inscrito e construído num território específico, esta forma de espacialização organiza-se por uma série de instrumentos materiais enraizados ao solo como redes de esgoto, rede elétrica, hidráulica, sinais de antena de TV, etc. - e outros imateriais como valor de mercado, endereço e posse, que vinculam o cidadão a um lugar estático e localizável. Este tipo de empreendimento é a arquitetura visível, tal como a conhecemos, dimensional, funcionalista e verticalizada.(JACQUES,2003).



Imagem 05 Gaio- da Série Ambulantes. foto Gaio.

É na órbita desta arquitetura fixa e composta de matéria e forma que se organiza outra arquitetura, a que chamo de invisível, deflagrada pelo vai e vem dos moradores das ruas e pela dinâmica urbana e *inquieta*, própria de uma cidade complexa como

Salvador. Nesse sentido, muda-se o conceito de localidade para fluxos e a idéia de arquitetura e espaço agora se confunde com trajeto. O território ora visto como uma instância fixa agora se torna um percurso.

Nesta arquitetura itinerante o espaço é agora ocupado por intensidades e acontecimentos. É o espaço ocupado por experiências, por movimentações onde uma das referências é o corpo que se desloca. Neste estudo, toma-se, particularmente, como um exemplo de espacialização o caso do **morador de rua**, indivíduo que produz seu próprio espaço na medida em que avança - **seu corpo é a sua casa e seu território um trajeto**.

Esta direção instaura uma relação direta, entre as formas de espacialização descritas acima e os conceitos de espaço liso e estriado descrito por Félix Guattari e Gilles Deleuze(1997). A compreensão das relações em jogo entre o “espaço liso ou nômade e o estriado ou sedentário” (DELEUZE,1997,p.179)se dá por uma série de diferenças específicas e administráveis entre o dois. Entretanto, as delimitações classificatórias aqui propostas não impedem que os dois espaços se misturem e seus universos particulares coexistam e se sobreponham. E é nesta perspectiva que o liso e o estriado se alternam e se confundem constantemente.

“Outras vezes ainda devemos lembrar que os dois espaços só existem de fato graças a misturas entre si: o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso”(DELEUZE,1997,p.180)

No entanto a passagem de um ao outro de maneira alguma acontece de forma ordenada e simétrica, e sim, obedecendo a uma série de acontecimentos que não podem ser previstos e há um tempo que não pode ser pontuado.

Nesse sentido, a alternância de poderes entre o liso e o estriado corresponde a uma maior ou menor concorrência em torno de ambos. A concorrência na objetivação dessas ordens que geralmente se expressam pela polaridade, apresenta-se pela expansão dos conflitos em torno da apropriação dos espaços coletivos. É neste jogo de particularidades espaciais que o espaço público urbano comporta-se como “fronteira em movimento” (ARANTES 1997, p.98) entre o espaço liso e o estriado.

2.1 O espaço liso

Embora se alternem o espaço liso difere do estriado. Suas oposições e contrastes só reforçam a condição de alternância de poderes entre ambos. O espaço liso é, ao contrário do estriado, um espaço aberto que opera e se distribui horizontalmente indo de encontro ao caráter essencial da arquitetura verticalizada das cidades com peso, matéria e medida reconhecíveis. Nesta perspectiva, o liso não é o espaço recortado, dividido e hierarquizado pelo aparelho do poder e do Estado.

Abraçando o seu oposto, o espaço liso se espalha seguindo uma lógica menos racional e mais abstrata onde o aspecto qualitativo tende a se sobrepor ao quantitativo, comportando-se como um espaço muito mais direcional que dimensional. Na ambiência do liso a matéria-forma é volátil e tende a dissolver-se em favor de uma matéria - fluxo.

É o espaço ocupado por intensidades, onde os afetos e os acontecimentos de variação contínua tomam o lugar dos *bem-comportados* projetos arquitetônicos estáticos e invariáveis. Ademais, o liso é operado por multiplicidades não métricas,

assimetria esta que não responde a lógica de uma perspectiva linear matematizada nas pranchetas de escritórios.

Ultrapassando qualquer possibilidade de cálculo, o que é difícil de ser operado em um objeto ambulante, o espaço liso transborda tendo em vista qualquer possibilidade de aprisionamento, estando esta forma de espacialização mais sujeita as soluções que constituem um conjunto de atividades impermanentes.

“É a subordinação do habitat ao percurso, a conformação do espaço do dentro ao espaço do fora: a tenda, o iglu, o barco. Tanto no liso como no estriado há paradas e trajetos; mas, no espaço liso, é o trajeto que provoca a parada, uma vez mais o intervalo toma tudo, o intervalo é a substância.” (DELEUZE,1997,p.181)

O liso depende muito mais de soluções energéticas do que métricas. Neste tipo de representação não cabe um vocabulário tridimensional comum à arquitetura tradicional, tal como a conhecemos, na verdade o espaço liso é muito mais intensivo do que extensivo.

O espaço liso possui pontos assim como o estriado, mas ao contrário do estriado no espaço liso já não se vai mais de um ponto a outro, neste caso os pontos é que estão subordinados ao trajeto e funcionam apenas como mudanças de direção, são apenas desvios de um movimento perpétuo sem partida nem chegada. Preserva, assim, a possibilidade de operar em direções múltiplas, “um campo sem condutos nem canais”(DELEUZE,1997,p.38) de multiplicidades não métricas.

Fugindo de uma métrica funcional, o espaço liso compõe-se de uma geometria específica, onde a linha determina uma direção e não uma dimensão a codificar e medir coisas formadas e visíveis.



Imagens 6 e 7. Espaço liso. Foto Gaio. 2004

Estes termos correspondem a universos de um espaço aberto, intervalo de significações singulares que só podem ser percebidas e não vistas. Nesta direção, a cartografia de um espaço liso se desdobra invisível ao olho nu e insuficiente para modelar o palpável. São como zonas quase autônomas que modelam a si mesmas com um potencial rizomático de manifestar-se a qualquer tempo e lugar. O grande trunfo de um espaço liso é a sua invisibilidade aliada a uma instabilidade que é natural a um objeto ambulante.

2.2 O espaço estriado

Em oposição ao espaço liso ou nômade coexiste dentro do mesmo universo o espaço estriado ou sedentário, formulado pelo aparelho do Estado e do poder personificados em uma coleção de prédios, casas, praças, e toda sorte de construções que compreende a cidade seguindo um planejamento rígido e uma métrica funcional e hierarquizante. No caso estriado, mede-se o espaço a fim de ocupá-lo. De forma inversa, no liso ocupa-se o espaço sem medi-lo.



Imagem 08. Espaço estriado. Foto. Gaio, 2003

O modelo estriado é linear e matemático, fechado em coisas visíveis e sólidas, ordenadas e inscritas a partir do cálculo. É a celebração da lógica euclidiana verticalizada na forma de cidades, recortada em linhas de construção que tem como função medir, fatiar e permitir a constituição de um corpo fixo e enraizado.

O estriado é um espaço previsível e é ocupado pela matéria-forma em oposto ao liso, que tem uma ocupação abstrata de ações e intensificações difíceis de serem previstos. Ademais, a forma estriada possui um campo de ação quase gravitacional que captura e cerca, e é completamente dependente do número compreendido em um sistema padronizado de cálculos e medidas. Nele, ao contrário do liso, se está sempre dentro e há uma relação espaço-visual direta entre o homem e a matéria-forma que comprime um espaço outrora liso.

O liso, como já foi dito, é uma instância ambulante e se espalha de forma itinerante. O estriado não; por ser considerado uma instância fixa e visível, propaga-se

por meio da repetição vertical de seus modelos. Estes modelos operam a partir de um suposto padrão geométrico reproduzido a exaustão e traduzido em uma arquitetura construída(LEE,2000,p.76), visível e estável. É exatamente este tipo de empreendimento, cuja gestão cabe ao aparelho do Estado, que quando deflagrada de uma forma desordenada contribui para o colapso espacial e por cadeia o colapso social, enfrentado diariamente pelos habitantes de uma metrópole problemática como Salvador.

“Não é que as ciências ambulantes estejam mais impregnadas por procedimentos irracionais, mistério e magia. Elas só se tornam tais quando caem em desuso. E, por outro lado, as ciências régias também se cercam de sacerdócio e magia. O que aparece na rivalidade entre os dois modelos é antes o fato de que nas ciências ambulantes ou nômades, a ciência não está subordinada a tomar um poder e nem sequer um desenvolvimento autônomo.” (DELEUZE,1997,p.41)

As linhas e trajetos compreendidos num espaço estriado, ao contrário do liso, estão subordinados aos pontos que agora funcionam como referencial tanto de partida quanto de chegada. As linhas que no liso indicavam uma direção determinam no espaço estriado uma dimensão métrica. O estriado é o espaço das cidades e dos condomínios que cercam, separam e segregam. Esses processos de *cercamento* isolam os diferentes segmentos populacionais. Eles eliminam quase que totalmente as alternativas de intercâmbio que poderiam ser valorizadas pelos residentes de um mesmo espaço habitacional, como demonstra o crescimento das favelas nos socialmente valorizados bairros das cidades empiricamente aqui consideradas.

No cotidiano urbano das cidades construídas essencialmente sob a perspectiva de um espaço estriado, as aglomerações e inscrições territoriais que definem a cidade como uma coleção de objetos arquitetônicos, evidencia o jogo do liso-estriado como

um imenso organismo (DELEUZE,1996,p.22) vivo por excelência, inimigo daqueles que com o corpo investem na gestão do espaço público como espaço de moradia. O organismo cidade. É numa metrópole contemporânea, como a cidade de Salvador, que se observa de maneira mais evidente a tradução de um espaço estriado em espaço liso e vice – versa.

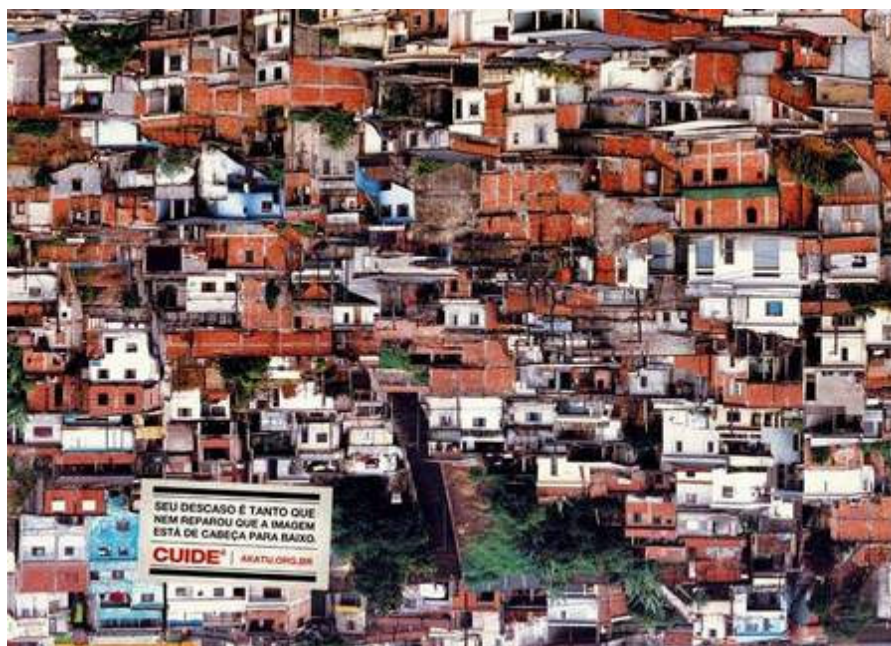


Imagem 09. Favela no retiro. FotoGaio.2004

Na medida em que avança e cresce, a cidade pratica de forma voraz o estriamento dos territórios à sua órbita, a construção de novos empreendimentos em todas as direções mostra a força estriada produzida pela máquina do Estado que, avalizada pelo capital, verticaliza e captura o espaço liso e horizontal. Este mesmo espaço matematizado e produzido nas pranchetas dos arquitetos é também afrontado pela incontrolável produção lisa, na forma de hordas de miseráveis e trabalhadores de rua que perambulam ora territorializando ora desterritorializando o espaço exposto das ruas e calçadas.

“A cidade libera espaços lisos, que já não são só os da organização mundial, mas de um revide que combina o liso e o esburacado, voltando-se contra a cidade: favelas móveis e temporárias, de nômades e trogloditas... que já nem sequer são afetados pela estriagem do dinheiro” (DELEUZE,1997,p.188-189)

Essa gente flutuante converge, enquanto aglomerações, para a forma de invasões e favelas que aparecem e desaparecem *ao humor* do aparelho do Estado que transformam e traduzem novamente o espaço estriado em espaço liso. É neste ritmo alucinante que a cidade se espalha empurrada pela alternância de estados espaciais entre o liso e o estriado.

3.3 Entre o liso e o estriado

É neste ambiente de permanente tensão que sobrevive o morador de rua. No entanto essas tensões são administráveis em suas relações de alternância e, no caso específico do objeto analisado neste estudo (o espaço deflagrado pelo morador de rua), o liso e o estriado, assim como o público e o privado vivido nas calçadas das grandes cidades se entrelaçam e se misturam.

É exatamente por esta integração que o espaço público urbano pode ser definido pela disponibilidade à invenção de novos significados. Essa dinâmica assegura a reprodução ampliada de posições inter-relacionadas, inclusive dos miseráveis, mendigos, desocupados e moradores de rua que perambulam entre o “lá” e o “cá”, como nômades urbanos utilizando a rua como espaço de trânsito e moradia. E como assegura Deleuze:

“O nômade não tem pontos, trajetos, nem terra, embora ele evidentemente os tenha. Se o nômade pode ser chamado de o desterritorializado por excelência, é justamente porque a reterritorialização não se faz *depois*, como no migrante, nem em *outra coisa*, como no sedentário (com efeito, a relação do sedentário está mediatizada por regime de propriedade). Para o nômade ao contrário, é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra...” (DELEUZE, 1997, P.53)

Em contraposição aos significados ideológicos(DAMATA, 1985,p.59) atribuídos à casa, a rua é o espaço-fluxo do indivíduo anônimo e desgarrado, maltratado, cuja humanidade é reencontrada se for capaz de reconstruir em um ambiente de instabilidade, como a rua o espaço caseiro e familiar. Por isso, os indivíduos que territorializam por necessidade de sobrevivência as ruas para nela habitar devem dar provas da extrema necessidade de misericórdia, devem reconstruir laços de convivialidade ou demonstrar cabalmente sua desorientação e ausência de referência, instrumentalizando o espaço público como se sua casa fosse, visando se integrar de forma criativa a um modo de vida quase nômade e a um conjunto de atividades produtivas. Devem também se inserir numa rede de comunicação, de apoio e de aliança de interesses, associando-se a redes de camaradagem.

A arquitetura dessas redes está sujeita as constantes mudanças. O que resta como lógica da nova localização é sua descontinuidade geográfica. O novo espaço criado pelo miserável é organizado em torno de fluxos de situações e acontecimentos que, ao mesmo tempo, reúnem e separam seus componentes territoriais. Intersecções e exclusões, construção e desconstrução(LEE, 2000, p.76), que mudam o próprio conceito de localização para fluxos. O desenvolvimento dessas constelações espaciais livremente interligadas nas áreas metropolitanas enfatiza a interdependência funcional dos diferentes espaços no espaço urbano da metrópole.

Essas redes são de formação complexa porque tangencia os representantes das múltiplas ordens que investem na gestão do espaço público. A administração desse espaço público pelos moradores de rua é colocada em prática pela aproximação ou mesmo imposição deles mesmos em espaços físicos sociais, onde circulam os recursos desejados e seus portadores. Para esse fim se faz necessário ao morador de rua uma ocupação dinâmica deste espaço, calcada no deslocamento de sua pessoa. Esse avanço provocado pela extrema necessidade sedimenta, também, neste contexto a produção de um espaço liso, de um território maleável, um trajeto ou um percurso por onde o morador de rua orienta suas direções. Este território-trajeto deflagrado pelo morador de rua é ocupado não apenas pelo corpo, mas por suas intensidades e desejos, afetos e ações, pelo cheiro, pela imagem destorcida do miserável e assim por diante.

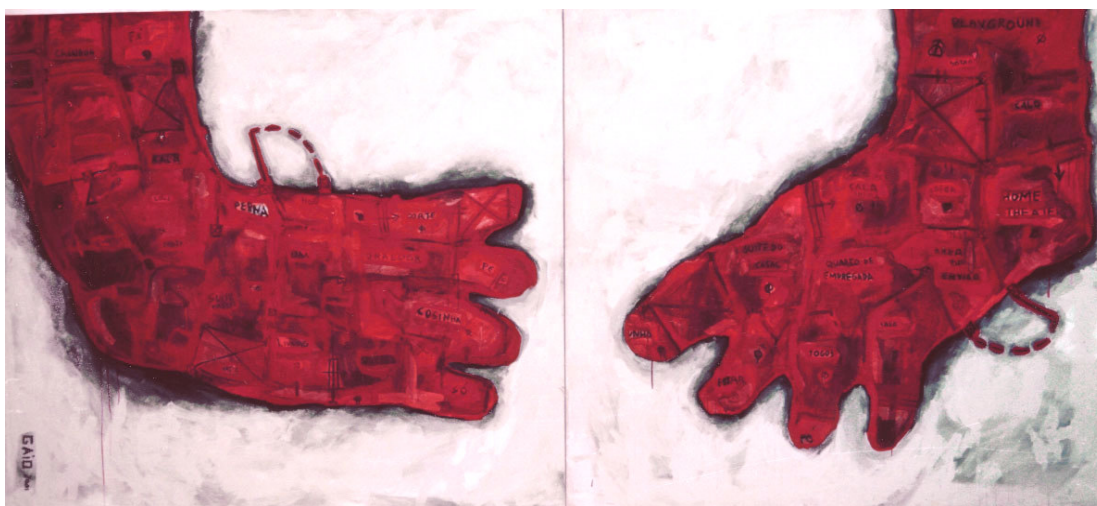


Imagem 10. Vizinhos, mista s/tela. foto Gaio. 2000

Por todos esses fatores de ocupação em trânsito do espaço público pelo morador de rua para o desenvolvimento de atividades privadas se fundamenta num sistema de classificação que delimita arenas, cujas regras de convivência estão constantemente

abertas ao debate entre eles e os concorrentes usuários que ai aportam. Ademais a diferenciação entre espaço público e espaço privado (ARANTES, 1995, p.57), esconde e revela uma série de tensões derivadas do fato de cada um destes termos corresponderem a universos de significações singulares e contrastantes.

A compreensão das relações em jogo no espaço público incorpora, por conseguinte, o entendimento das regras de inserção e de convivência em universos espaciais que coexistem sob tensões. Esses universos se diferenciam conforme os recursos disputados, a maior ou menor concorrência em torno deles. Cada universo corresponde às investidas sobre determinadas formas de territorialização, à construção e ao cumprimento de acordos e táticas de ocupação. Isso pressupõe a construção e o domínio do código de uso de territórios no meio urbano e de suas formas de defesa. Nesse sentido, hoje existem indivíduos inseridos em um conjunto multidimensional de realidades radicalmente descontínuas. Um espaço ao mesmo tempo abstrato, homogêneo e fragmentário.

O espaço urbano aqui referido perdeu situabilidade, uma inscrição precisa em dimensões geográficas acessíveis à experiência individual. Instaure-se ai um problema entre o construído e o projeto, o edificado e o entorno. Torna-se quase impossível representar. Aquilo que a imagem fotográfica, por mais abrangente que seja, não dá conta. O espaço hoje é sobrecarregado por dimensões mais abstratas.

O problema de mapeamento do posicionamento do indivíduo neste complexo sistema de alternância de estados no espaço público é também de representabilidade: embora afetados no cotidiano pelos espaços das cidades, não temos como modelá-los mentalmente, ainda que de forma abstrata. Ocorre uma ruptura radical entre a

experiência cotidiana e esses modelos de espaços abstratos. Os espaços, nestes casos, se apresentam como uma coleção de territórios inter-relacionados onde o único vínculo é o deslocamento do morador de rua entre eles, independentemente de qualquer referência a um trajeto predeterminado ou uma métrica linear.

Essas inter-relações espaciais criam um território onde prevalece invisibilidade: áreas de passagem e mudanças de direção. Intervalos resultantes da descontinuidade do território, do processo fragmentado de espacialização que segundo Brissac(2000) revela um espaço sem contornos nem limites, sem início nem fim, se está sempre no meio. Aqui, todo movimento constitui uma área de vizinhança, uma terra-de-ninguém, uma relação sem localização entre pontos distantes.